



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

## A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A CIBERCULTURA COMO INSTRUMENTOS LINGUÍSTICOS DE INCENTIVO À LEITURA

Vera Lúcia do Espírito Santo<sup>1</sup>

*É no abrir a boca que o homem ganha a vida. Mitos de tempos e lugares distintos reiteram-no frequentemente, porque ao fazê-lo o homem respira, alimenta-se e fala. No Gênesis, dos lábios descerrados provém o fôlego da vida, as palavras da perdição e o anúncio da queda. A fala cria a existência e a sua finitude, gerando assim a própria humanidade do homem. (Piovezani,2014)*

**Resumo:** A contação de histórias é uma das formas mais antigas na propagação dos gêneros literários. É através da narrativa oral que a criança tem seu primeiro contato com um texto. Inicia-se, assim, o encantamento, e com ele a construção dos sentidos, que é o objetivo maior na promoção e incentivo à leitura e aos letramentos. Contudo, novas mídias surgiram e com elas a necessidade de adequação do sistema linguístico da contação de histórias a determinações sociais mais recentes. O desafio agora não está somente em explorar as novas mídias, mas em englobar as mídias tradicionais, já que em várias situações linguísticas uma será a extensão da outra, além de serem interligadas entre si. Nesse contexto, as velhas mídias, como as contações de histórias, não deixaram de existir, mas se renovaram

**Palavras-chave:** Filosofia da Linguagem; contação de histórias; cibercultura.

**Abstract:** The storytelling is one of the oldest forms in the literary genres promulgation. It is through oral narrative that the first contact with a text is established in childhood. Therefore, the incantation and the construction of the senses start, this is responsible for encouraging children to the reading and the literacies. However, new media emerged and the need to adapting the linguistic system of storytelling for the most recent social determinations as well. Now, the challenge ain't only about exploring the new medias, but add the traditional media to it, once, in many situations, a language is the enlargement of one other, besides they are also interconnected. In this context, the old media as storytelling, do not ceased to exist, but was renewed.

**Keywords:** Philosophy of language ; Storytelling ; cyberculture

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras - Unesp



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

## **Introdução**

O ato de contar histórias é algo que nasceu quase junto à raça humana assim como a conhecemos. Foi no transmitir relatos, fatos, aventuras e desventuras e passar adiante, de geração em geração, os acontecimentos de um povo ou nação que as histórias se solidificaram e conseguiram atravessar milênios. Livros como a Ilíada ou a Odisseia e mesmo a nossa tão estimada Bíblia, aqui no mundo ocidental, são frutos da tradição oral de se narrar histórias. No mundo oriental, especificamente na Índia, o Baghavagita é parte de histórias milenares que atravessam a barreira do tempo porque foram contadas de boca em boca. Dessa forma, o questionamento de como inserir as velhas mídias no processo de aprendizado no qual o aluno está cada vez mais conectado ao universo virtual surge, e se questiona. É possível a formação de alunos- leitores com novas mídias de velhos gêneros ou formatos? Sabemos que a narrativa é o gênero do discurso mais rapidamente absorvido em nossa cultura e é assim que o leitor-ouvinte utiliza esse conhecimento para entender e recordar histórias

O que se deve então atentar é que diante da tecnologia presente em abundância no mundo de hoje, e a massificação da escrita em todos os meios possíveis, haverá espaço para o narrar e contar histórias de maneira oral? Haverá como conciliar este meio antigo de transmissão de conhecimento com a velocidade em tempo real que a internet e outras mídias nos proporcionam hoje? Conseguirá a escrita substituir o papel da oralidade na contação de histórias? Ou ainda, onde situar a entonação nas novas mídias?

Nossa proposta nesse trabalho é aliar esse gênero discursivo às novas tecnologias e trazer o lúdico e real para o virtual. Investigar e promover reflexões sobre como podemos usar as ferramentas digitais em prol da formação do novo leitor. Definir como promover e disseminar ambiente virtual, com estratégias que revitalizem essa velha mídia. O desafio é criar mecanismos que fomentem, juntamente com escrita, a leitura em sala de aula. Incentivar a leitura de gêneros literários e discursivos, traçando um caminho que possa unir as velhas e novas mídias. Explorar espaços virtuais para que a contação de histórias continue gerando a criação de sentidos será primordial. Acreditamos que dessa maneira a contação de histórias deva ser analisada a fundo e uma nova proposta de estudo de formas de disseminação deva ser privilegiada para que esta maravilhosa tradição oralizada de transmitir histórias adeque-se às modernidades do século XXI.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

## **A Contação de História Tradicional**

Foi por meio da tradição oral que por milênios perpetuou-se o pensamento humano nas interações artísticas, intelectuais e sociais. O Gênesis, na Bíblia, elucida que Cristo pregava através de parábolas. Desde a Antiguidade, Aristóteles, Sêneca, Cícero e Tácito usavam a oratória em praças públicas. William Shakespeare, o grande dramaturgo, também utilizava os palanques para recitar seus versos. A oralidade tem como instrumento principal a voz. Esta mesma voz humana que reproduz os estados d'alma, que viabiliza o som, que cria entonações. É a matéria prima do contador de histórias (orador) e que possibilita a interação e a criação de sentidos entre os interlocutores. A narrativa ganha vida pelas entonações que se tornam precisas devido às nuances da oralidade. Ao narrar a História, o contador empresta voz e gesto, dramatiza, envolve, encanta e seduz os ouvintes (a plateia). Promove ele dessa forma a interação. É desse ato interacional que a contação de história tradicional ganhou universalidade e ainda hoje faz parte da cultura de vários países.

A Tradição da contação de histórias possibilitou a propagação da Literatura através do gênero narrativo. Aproximar o autor e a sua obra do leitor e, por conseguinte estimular a leitura é uma das estratégias dessa tradição.

É assim que o artista e arte em geral criam uma visão do mundo absolutamente nova[...] uma realidade [...] do mundo que nenhuma outra atividade criadora produz. E essa determinação criadora poderia produzir. E essa determinação exterior [...]do mundo[...]acompanha sempre nossa visão emocional do mundo e da vida”  
(BAKHTIN,2003, p.205)

## **A Linguagem**

As diversas formas de linguagem têm como objetivo principal, promover a interação com o outro. O falar, ler e escrever são competências linguísticas que possibilitam uma maior interação social. E é nesse ato interacional que se modifica, amplia e se possibilita a criação dos sentidos e a sua (re) significação. Ou seja, toda palavra transmite a natureza interativa da linguagem. Dessa forma, entendemos conforme Bakhtin que:



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.” (BAKHTIN, 2003, p. 113).

Na contação de histórias, o “orador” utiliza a interpretação dramática e a entonação como marcação nos turnos da narrativa. E é assim na articulação das palavras que o texto ganha voz e corpo, provocando e instigando a audiência, criando cumplicidade com o ouvinte. Dessa forma, a contação de histórias ainda é amplamente utilizada como prática educacional, para a promoção da leitura. Todavia, com o advento de novas mídias, tais como a escrita impressa, o telefone, o microfone, o rádio, a televisão (mídias tradicionais) e a internet (mídia digital), modificaram as formas de aprendizado, criando a demanda de novos estudos para a propagação da contação de histórias nesse novo mundo.

Esse processo contínuo revolucionou as formas de interatividade. O século XXI apresenta-nos uma nova dinâmica no processo cultural e educacional, que é a relação entre o homem e a máquina, responsável por um novo padrão de aprendizado. Potencializado por novas tecnologias e com novas ferramentas de acessibilidade, o ciberespaço oferece a vantagem de promover a aprendizagem de formas assíncronas e síncronas. Assim, o novo leitor tem a sua disposição mídias virtualizadas, com tecnologias digitais capazes de ampliar e (re)significar a criação de sentidos.

### **As Novas Formas da Contação de Histórias**

A utilização de recursos audiovisuais como TV, DVD, Internet ou programas de computador são ferramentas usadas por contadores de histórias para uma releitura dos gêneros literários. As velhas e novas mídias interagem na formação do enunciado, gerando a significação linguística. Torna-se totalmente imprescindível a compreensão de como tudo isso poderá criar sentido semântico dentro da relação entre o professor e o aluno. É no processo dialógico que se constrói o que Bakhtin chamou de signos ideológicos (Di Camargo, 2014). Para Bakhtin, o diálogo é a chave para um mundo social. Tudo é dialógico, por tudo se dar no social. Cabe ao professor promover a interação do saber no contexto social do aluno. Juntas, novas e velhas mídias podem ser ferramentas de ensino e aprendizagem.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Levy, corroborando com nosso intento, afirma em texto que com a digitalização, o texto e a leitura ganharam novo fôlego e impulso e, dessa forma, se modificaram rumo a uma futura ideografia dinâmica. Dessa maneira, há que se entender onde, como, quando e de que maneira essa mutação das novas formas de se contar histórias estão ocorrendo no ciberespaço e como ela afeta as relações de linguagem entre interlocutores.

As realidades virtuais compartilhadas que podem fazer comunicar milhares ou mesmo milhões de pessoas devem ser consideradas como dispositivos de comunicação ‘todos a todos’, típico da cibercultura (LEVY, 1996, p.105).

### **Métodos a serem pensados**

Neste projeto, o objeto de pesquisa será a coleção de DVDs “Senta que lá vem história”, da TV Cultura, as Fanfictions a serem selecionadas do universo da internet e canais digitais voltados à contação de histórias, como alguns hospedados no Youtube, aliados às oficinas de contação de histórias que existem em diversas localidades do país, especificamente em Ribeirão Preto, para nosso intento, que embasará esta pesquisa e, a partir desse material, observar as novas perspectivas linguísticas para as velhas mídias. Utilizaremos, inicialmente, os conceitos teóricos de Mikhail Bakhtin e Pierre Levy para dar início mais detalhado a este estudo.

Desenvolveremos leituras dos estudiosos Dolz & Schneuwly para corroborar com a participação da oralidade neste aspecto discursivo do trabalho e fazer a ponte entre a linguagem oral e a escrita. Pensaremos na inserção das ideias do folclorista russo Wladimir Propp e sua morfologia do conto maravilhoso, em um paralelo de estudo de linguagem com Câmara Cascudo, do Brasil, fazendo novas correlações de teoria e tentando trazer este conhecimento para a parte prática da contação de histórias em sala de aula. Nessa perspectiva, este trabalho partirá da ideia de que o conceito de virtual para as contações de histórias, é parte de uma ideia semiótica de estrutura, ou seja, baseada principalmente na sua base mais específica, marcadamente verbal para uma análise dos meios de comunicação atuais em auxílio da contação de histórias oralizadas. Após apresentar, futuramente, argumentos que deem suporte a este projeto, pretende-se analisar se estes suportes são os mais adequados para



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

dar seguimento à ideia da contação de histórias como um novo gênero, agora virtualizado, levando em consideração o caráter multicódigo das atuais manifestações de linguagem.

Para se demonstrar essa relação entre a virtualização e as teorias embasadas na linguagem verbal, serão utilizados os trabalhos dos capítulos um, “O que é a Virtualização?”, e capítulo três, “A Virtualização do Texto”, do livro *O Que é o Virtual?* (Lévy, 1996). No texto do autor francês destacam-se as seguintes ideias embasadoras.

Para tratar da necessidade de atualização da contação de histórias o pensador afirma que

Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização (Lévy, 1996, p.16).

Para embasar a importância da contação de histórias ser atualizada então, por novas tecnologias que lhe darão sobrevida, Levy afirma que

Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não-presentes”, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário. É verdade que não são totalmente independentes do espaço-tempo de referência, uma vez que devem sempre se inserir em suportes físicos e se atualizar aqui ou alhures, agora ou mais tarde. No entanto, a virtualização lhes fez tomar a tangente. (Lévy, 1996, p.21).

Já sobre a atualização que se faz com o ato de ler, sendo este sempre quase uma reconstrução dos ideais originais do autor, mesmo que seja via a contação de histórias, podemos nos embasar quando Levy afirma que

Tal é o trabalho da leitura: a partir de uma linearidade ou de uma atitude inicial, este ato de rasgar, de amarrotar, de torcer, de recosturar o texto para abrir um meio vivo no qual possa se desdobrar o sentido. O espaço do sentido não preexiste à leitura. É ao percorrê-lo, ao cartografá-lo que o fabricamos, que o atualizamos (Lévy, 1996, p.36)



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Assim, continuando e, para finalizar as citações do pensador francês neste momento, demonstramos com citação do mesmo o seu pensamento sobre como o tornar o texto digital ou virtual contribui para desterritorializá-lo e dar nova forma e potencial ao mesmo

Os dispositivos hipertextuais nas redes digitais desterritorializaram o texto. Fizeram emergir um texto sem fronteiras nítidas, sem interioridade definível. Não há mais um texto, discernível e individualizável, mas apenas texto, assim como não há uma água e uma areia, mas apenas água e areia. (...) Perdendo sua afinidade com as ideias imutáveis que supostamente dominariam o mundo sensível, o texto torna-se análogo ao universo de processos ao qual se mistura (Lévy, 1996, p.48).

### **Considerações Finais**

Em tempos de mídias digitais, a problematização dessa revitalização do gênero contação de histórias parte da necessidade de se conhecer as tradições da oralidade e valorizar a ação daquele que promove esse tipo de narrativa e arte. Seguindo o preceito de que a palavra “empodera” aquele que a utiliza, urge traçar um percurso da oralidade nos meios digitais e perceber como esta modalidade de narrativa está sendo trabalhada como incentivo à leitura nas salas de aula. De acordo com Dolz e Schneuwly (2011, p.114) “Isso implica uma concepção mais rica e complexa do oral e uma relação mais dialética entre o oral e a escrita”.

Nesse início de século XXI acompanhamos um vertiginoso e contínuo desenvolvimento das mídias digitais. Hoje a tecnologia está cada dia mais presente na vida social do aluno. Os saberes linguísticos e as formas de interação também estão em constante processo de mudança. Repensar as formas de leitura dentro do contexto social do aluno, e trazer esse universo para a sala de aula é o grande desafio, já que surge a todo momento novas formas de linguagem. Acompanhar as novas tecnologias e usá-las como novo método de interatividade é a tarefa dos novos tempos para escola e professores.

Utilizar as ferramentas disponíveis no ciberespaço para enriquecer o aprendizado e promover a leitura, utilizando-se de meios como o AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem) é algo benéfico e já está ficando acessível a uma parcela cada vez maior de docentes e alunos. Esta interatividade está sempre em processo de renovação e adequa-se às



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

necessidades de docentes e aprendizes, que poderão formar equipes multidisciplinares buscando inovações e dessa forma o mundo digital fica mais próximo do aluno.

Paradoxalmente, o livro assume novo formato digital pela tela do computador e proporciona novas formas de interação. E surge um novo leitor, uma nova forma de ler o mundo. No uso de mídias e redes sociais os adolescentes reinventam formas de fazer releituras de textos: um exemplo disso são as Fanfics, pois no lugar do leitor inerte surge o co-autor. A oportunidade de interação com o texto cria uma nova (re)significância dos sentidos. Há ainda, ancorados em mídias sociais, dispositivos de acesso a contação de histórias. Num click o aluno pode obter vários conteúdos e viajar no universo fantástico da contação de histórias.

Diante desse quadro percebemos que já acontece uma transposição da Contação de histórias para as novas mídias. No entanto, o desafio de manter atualizado esse gênero na era digital ainda não está concluído, mesmo com o fácil acesso proporcionado pelas novas tecnologias.

Já em guisa de acabar, destacamos que com prévia pesquisa bibliográfica feita, tornou-se evidente que a prática da contação de histórias poderá e deverá ser utilizada como metodologia de desenvolvimento de alunos e da sua crescente personalidade, levando a melhoria de modo significativo do desempenho na escola. Para isto, deixamos o pensamento de Miguez (2000, p. 28) que afirma

Na maioria dos casos, a Escola acaba sendo a única fonte de contato da criança com o livro e, sendo assim, é necessário estabelecer-se um compromisso maior com a qualidade e o aproveitamento da leitura como fonte de prazer. (MIGUEZ, 2000, p. 28).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Hucitec 12ª edição, 2006.

\_\_\_\_\_. *Estética da Criação Verbal*. Martins Fontes, 4.ed. 2003.

BIEGING, P. BUSARELLO, R. I. ILBRICHT, L. O. (Org.). *Tecnologias e novas mídias: da educação às práticas culturais e de consumo*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2013.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

BRIGGS, A. BURKE, P. *Uma história social da mídia*. Tradução Maria Carmelita Pádua Dias; revisão técnica Paulo Vaz. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.  
CASCUDO, L. C. *Contos tradicionais do Brasil*. São Paulo: Editora Itatiaia, 1986.

COELHO, N. N. *A literatura infantil: história, teoria, análise*. 3. ed. São Paulo: Quíron, 1984.

COLOMER, T. *A Formação do Leitor Literário: narrativa infantil e juvenil atual*. São Paulo: Global, 2003.

COURTINE, J. J. *A voz do povo: a fala pública, a multidão e as emoções na aurora da era das massas*, In: PIOVEZANI, C. & COURTINE, J.J. *História da fala pública: uma arqueologia dos poderes do discurso*. Petrópolis: Vozes, 2015, p.261-337.

DI CAMARGO, I. Jr. *Como conciliar Bakhtin, mídias e um projeto de docência*. Disponível em <https://pedagogiadoserdao.wordpress.com>. Acessado em 11 de junho de 2016.

FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à Linguística*. 6ªed. São Paulo: Contexto, 2015.

KLEIMAN, A. *Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1992.

KARWOSKI, A. M.; GAYDCZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.) *Gêneros Textuais; reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LÉVY, P. *O Que é Virtual?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. *As Tecnologias da Inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MACIEL, R. C. *O espaço da literatura na sala de aula*. In: APARECIDA PAIVA, F.; MACIEL, R. C. (Coord.). *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação. Brasília, 2010. (Coleção explorando o ensino; v. 20). Disponível em: <[http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/2011\\_literatura\\_infantil\\_capa.pdf](http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/2011_literatura_infantil_capa.pdf)>. Acesso em: 11 ago. 2016.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita; atividades de retextualização*, 4.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Editora Ática, 2003.

MIGUEZ, F. *Nas arte-manhas do imaginário infantil*. 14. ed. Rio de Janeiro: Zeus, 2000.

OSORIO, E.M.R. & DI CAMARGO, I. Jr. *Mikhail Bakhtin: o lugar da leitura na educação*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2016.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil  
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas  
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

PEREZ, F. C.; GARCÍA, J. R. (Org.). *Ensinar ou Aprender a ler e a escrever?* Porto Alegre: Artmed, 2001.

PIOVEZANI C. *Verbo, Corpo e Voz: dispositivos de fala pública e produção da verdade no discurso político.* São Paulo: Editora UNESP, 2009.

PROPP, V. *Morfologia do conto maravilhoso.* Tradução de Jasna Paravich Sarhan. 2. ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006.

ROJO, R. (Org.) *Prática de linguagem em sala de aula.* Campinas, Mercado de Letras, 2001.

SCHNEUWLY, B. *O Ensino da comunicação.* Revista Nova Escola, n.157, 2002.

SOUZA, F. M. et alii (Orgs.) *Tecnologias, Culturas e Linguagens no universo das artes.* Pedro e João editores. São Carlos.